

MARCAS DE INTERLOCUÇÃO VALORATIVA EM CARTAS PESSOAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARKS OF VALUABLE INTERLOCATION IN THE PERSONAL LETTERS PRODUCED BY STUDENTS OF FUNDAMENTAL TEACHING

Renilson José Menegassi
Doutor em Letras
Universidade Estadual de Maringá
(renilson@wnet.com.br)

Fernando Henrique Ribeiro Lima¹
Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa
Universidade Estadual de Maringá
(fernando.henriquepr@hotmail.com)

RESUMO: Objetiva-se refletir sobre o papel do interlocutor e sua influência valorativa na produção do gênero discursivo Carta Pessoal, assim como verificar a importância das marcas interlocutivas para a sua produção. A pesquisa tem como escopo teórico o interacionismo, a partir dos pressupostos de Bakhtin/Volochinov (2004), Bakhtin (2011), Franzoi/Menegassi (2011), Koch (2001) e Menegassi (2011), para as discussões sobre o papel da interlocução e os elementos relacionados à construção do enunciado escrito para sustentar a análise de três cartas produzidas em sala de aula por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal do Noroeste do Paraná, escolhidas como amostra representativa do todo. As análises evidenciaram o quanto o locutor e o interlocutor estão assinalados na composição textual, e linguisticamente como o autor cria mecanismos de escrita capazes de marcar essas posições no discurso para evidenciar o conteúdo temático e cumprir o discurso do texto. Os resultados demonstram a importância da interlocução na composição do discurso Carta Pessoal e os possíveis recursos a serem empregados em sala de aula para sua produção.

Palavras-chave: Interlocutor. Carta Pessoal. Ensino Fundamental. Interacionismo.

ABSTRACT: The objective of this paper is to reflect on the role of the interlocutor and its valorative influence in the production of the discursive genre Personal Letter, as well as to verify the importance of the interlocutive marks for its production. The research has as theoretical scope the interactionism, from the assumptions of Bakhtin/Volochinov (2004), Bakhtin (2011), Franzoi/Menegassi (2011), Koch (2001) and Menegassi (2011), for the discussions on the role of Interlocution and the elements related to the construction of the written statement to support the analysis of three letters produced in the classroom by students of the 5th grade of Elementary School, from a municipal public school in the Northwest of Paraná, chosen as a representative sample of the whole. The analyzes showed how much the speaker and the interlocutor are marked in the textual composition, and linguistically as the author creates writing mechanisms able to mark these positions in the speech to highlight the thematic content and to fulfill the discourse of the text. The results demonstrate the importance

¹ Mestrando em Letras

of interlocution in the composition of the Personal Letter discourse and the possible resources to be used in the classroom for its production.

Keywords: Interlocutor. Personal Letter. Elementary School. Interactionism.

Introdução

O presente trabalho visa refletir sobre a importância do interlocutor na produção do gênero epistolar, especificamente na Carta Pessoal, assim como investigar as estratégias discursivas e valorativas marcadas nas escolhas intencionais do locutor ao dirigir-se ao outro em seu discurso. Em uma proposta interacionista de leitura é fundamental que os interlocutores estejam inscritos nos enunciados criados e recriados nas mais diferentes situações de comunicação. Essa inserção dos interlocutores no discurso nem sempre ocorre de modo evidente, já que a presença das vozes e referências representantes dos agentes marcados nos discursos se dá por diferentes maneiras e, dentre elas, estão as noções de estilo, forma, elementos linguísticos e discursivos.

Sendo assim, esta pesquisa trata do conceito de sujeito do discurso na forma do interlocutor, à luz da teoria interacionista, orientada pelos estudos bakhtinianos e, com isso, objetiva-se evidenciar a importância deste elemento na construção do gênero discursivo Carta Pessoal como expressão da valoração que o autor emprega no discurso escrito. A partir dessa compreensão, pretende-se analisar uma situação de produção do gênero por alunos de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental no momento da aula, de uma escola pública municipal do Noroeste do Paraná, em que é possível refletir sobre estratégias discursivas na marcação do interlocutor para posteriormente analisar o processo de valoração empregado, a perceber como se constroem as estratégias de escrita de uma carta, tendo em vista a presença de um interlocutor.

A preocupação com os papéis do locutor e interlocutor é essencial ao passo que contém em si a atenção a uma forma de leitura, já que toda escrita perfaz sistematicamente uma leitura do outro, cujas referências aparecem inscritas – explícita ou implicitamente – no enunciado que se constrói. Os estudos do círculo bakhtiniano apontam para uma intersecção de discursos marcados pelas enunciações, uma teia que envolve os mais diferentes caminhos da linguagem, tendo em vista a unidade social do discurso. Bakhtin/Volochinov (2004) apontam a

enunciação como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, daí ocorre essa relação de valoração que é inerente às linguagens escrita e falada, já que são processos ideológicos cuja produção é circunstanciada pelo outro e mediados pelo contexto social e histórico em que se dão suas linguagens, interações e discursos. Esse processo de valoração no discurso escrito é o que se pretende analisar nas cartas pessoais escritas pelos alunos do 5º ano para compreender como isto implica nas escolhas orientadas pelo interlocutor.

O interlocutor na perspectiva bakhtiniana

Com base na dimensão da teoria do círculo de Bakhtin, destaca-se o papel dos interlocutores como um elemento representativo social e que se insere em um dado contexto de discurso que, por sua vez, só é possível quando os falantes imprimem intencionalidade, valor, em sua atividade discursiva. A essa realidade, Bakhtin/Volochinov (2004) chamam interação verbal, o que constitui, para o Círculo, a realidade fundamental da língua. Essa acepção de discurso pressupõe o direcionamento da comunicação sempre ao outro, que, por sua vez, passa a ser requerido na atividade discursiva e dela passa a fazer parte.

Bakhtin (2011) ressalta que, nas bases dialógicas de linguagem, o discurso emerge das relações sociais, intencionais e colaborativas que os sujeitos mantêm. Nas diferentes situações sociais, ao indivíduo é facultado pensar, refletir, refutar, argumentar e outros processos próprios do ato comunicativo. Neste sentido, é importante destacar o quanto locutor e interlocutor se inscrevem na atividade comunicativa e passam a atuar juntos neste contexto com ideais e intenções distintas, mas compartilhadas por um posicionamento social comum.

Esse posicionamento social permite ao locutor uma estratégia de valoração, que é a expressão da imagem que se faz do interlocutor no corpo do discurso, ora de modo direto e objetivo, ora de modo sutil, porém, sempre marcado na composição da palavra direcionada ao outro. Quando inscrito no discurso, o interlocutor é capaz de definir tanto a composição, quanto o estilo e a estrutura interna do enunciado. Ele é capaz de criar categorias pragmáticas que, em uma abordagem cognitivista, marca uma instância comunicativa abstrata, sendo que, em Bakhtin/Volochinov (2004), há o afastamento total de um interlocutor abstrato, pois a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados:

Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social completo que nos engloba (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 112).

Essa circunstância pragmática de interlocução é uma influência do auditório social (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004), que, por sua vez, postula exigências concretas de discurso que são atendidas pelo locutor a fim de alcançar a compreensão do interlocutor. Ao construir o enunciado, o locutor procura, ativamente, antecipar-se às acepções do destinatário, às suas posições sociais e à resposta que dará. Essa antecipação exerce influência ativa sobre todo o enunciado, dessa maneira se constroem suas deduções interiores, suas motivações e apreciações, ou seja, segundo Bakhtin/Volochinov (2004), a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.

Para o autor, a enunciação é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um horizonte social determinado para sua comunicação. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido e sua enunciação é marcada pelas referências deste par:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.112).

O papel enunciativo dos interlocutores certamente se marca na instância social. Esse cenário é o *locus* das intenções do locutor que passa a enxergar no seu próprio contexto uma razão de dizer ao compartilhar o mesmo conteúdo temático. Neste sentido, o interlocutor passa a ser um agente no discurso, o que contraria a abordagem clássica da linguagem, já que seu *status* de agente lhe confere poderes de interagir com o conteúdo tratado e desenvolver uma capacidade de réplica sobre aquilo que lhe é dito.

Mediado pelo contexto social, a teoria interacionista enfatiza a importância que o interlocutor tem na composição do discurso e pontua o quanto tem um papel muito importante na determinação das bases temáticas da enunciação depreendida pelo locutor. Este é um fato importante de se pensar, tendo em vista a contextualização histórico-social em que os agentes comunicativos se inserem, isso porque, tanto locutor quanto interlocutor são elementos tipicamente ativos e justamente marcados no interior da enunciação.

Essa categoria social de discurso em que os interlocutores se marcam é uma importante referência para a compreensão de interação no discurso. A presença constante desses dois elementos assinala o princípio dialógico do discurso em que os sujeitos se alternam no processo de enunciação, visto que locutor e interlocutor compartilham a importância das informações construídas na enunciação.

Bakhtin (2011) reconhece essa relação de interlocução como uma situação de réplica onde, segundo o autor, no diálogo real há uma alternância de sujeitos (parceiros do diálogo) reconhecida como réplica. Cada réplica exige uma posição do falante que suscita uma resposta que marca uma atitude denominada de responsiva. A responsividade nessa abordagem teórica mostra o quanto o discurso é permeado por marcas que exigem outras marcas em um mesmo discurso. Essa alternância resulta na réplica, e a necessidade de uma réplica marca a interação discursiva que é traduzida como responsividade, até porque, para Bakhtin (2011), as réplicas são interligadas e estão marcadas no significado do enunciado.

Em suma, a caracterização do interlocutor é uma leitura essencialmente social e interativa que assinala uma participação extremamente ativa dos sujeitos na constituição do discurso. Esse discurso é marcado pela posição do locutor frente a uma leitura prévia que se tem do interlocutor. Mediados por essa relação, os interlocutores se alternam na produção do discurso ao passo que sua posição concentra um nível de compreensão da informação levantada no contexto comunicativo.

O interlocutor no discurso escrito

Ao afirmar que a palavra se dirige ao interlocutor, Bakhtin/Volochinov (2004) afirmam que a palavra presente no enunciado tem uma influência direta da imagem que é feita do interlocutor. Nessa relação, o enunciado tem a marca da (i) referência

construída pelo locutor na relação discursiva e (ii) circunstância do comunicar-se mediada pela leitura prévia do locutor sobre o interlocutor. Essa leitura antecede a escrita, tanto que ela visa tipificar um aglomerado de fatores que permitem ao locutor elaborar o discurso direcionado ao outro. “Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta **duas faces**. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede **de** alguém, como pelo fato de que se dirige **para** alguém” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.113 – grifos do autor).

A referência construída pelo locutor tem a ver com a caracterização que este faz ao empregar recursos linguísticos em referência ao interlocutor, já a circunstância do comunicar-se diz respeito à forma de tratar a informação a fim de tornar a comunicação próxima de ambos os interlocutores e assim tornar o discurso um processo interativo em que os sujeitos discursivos se reconheçam.

O discurso escrito é um ótimo mecanismo para que essa interação seja vista com maior clareza, isto porque, desde as escolhas lexicais até a maneira de tratamento do conteúdo temático, é filtrado por um nível de consciência do locutor na intenção de manter uma comunicação ativa com o outro.

Os recursos empregados na escrita são elementos que permitem identificar e reconhecer as referências dadas aos interlocutores e essa relação é sempre dialógica, pois permite que a enunciação se configure no contexto do discurso desenvolvido e essa capacidade requer um grau de adaptação ao contexto do ato de fala (ou escrita) o que demonstra a concretude dos interlocutores. Toda essa capacidade de identificação e tipificação do interlocutor está situada na atividade mental e é um processamento em si cognitivo-discursivo:

Em consequência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 117).

Em um comando de produção textual escrita é elementar que o aluno esteja apto a significar o interlocutor a fim de exercitar as capacidades da responsividade

exigida pela proposta de produção. Menegassi (2011) assinala a importância da interlocução para a produção de enunciados escritos ao afirmar que passa a ter maior significação no momento da escrita, ou seja, o produtor, ao saber que possui um interlocutor definido, determina o gênero discursivo e a linguagem adequada ao leitor, isto é, o interlocutor interfere na construção do sentido do texto.

A ausência das situações de enunciação envolvendo o interlocutor é uma ruptura com o processo social de escrita. O nível de responsividade pretendido em uma produção textual é o elemento que dá subsídios ao locutor para construir um enunciado em que haja interação e o encontro dos interlocutores no contexto da palavra.

É por isso que não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.132).

O reconhecimento e a presença dos interlocutores são essenciais nesse processo de enunciação em que, por intermédio da interação que se estabelece nesse contexto, surge o discurso para o outro. Em tese, o interlocutor é quem define o discurso e as marcas de valoração e esse processo é decorrente da interação que há na efetiva realização do texto escrito em que os sujeitos se reconhecem por meio do discurso.

O interlocutor no gênero epistolar

O gênero epistolar é marcado pela referência direta ao interlocutor. Essa característica aciona a capacidade de interação entre locutor e interlocutor à medida que é acionado por meio de recursos linguísticos, referências semânticas e um encadeamento de outras referências que permitem que locutor e interlocutor se reconheçam no interior da palavra.

Ocorre que em uma proposta de produção escrita do gênero epistolar, a

nomeação do interlocutor, é a referência essencial dada pelo comando para que o autor estabeleça as enunciações necessárias para cumprir o comando. Para atender a essa referência, o locutor necessita criar mecanismos em seu estilo de escrita capazes de realizar essa associação com o outro e, para isso, as estratégias de fazê-lo são inúmeras. Pensar sobre esses elementos é um percurso qualitativo de escrita, porque as habilidades de escrita do gênero epistolar são desenvolvidas a partir de uma leitura contextual da situação de produção, pois só depois de construir essa relação com o outro é possível direcioná-lo a palavra.

A produção do gênero epistolar não está mais estanque na figura da elaboração de um discurso longe de uma situação social, ou então meramente ficcional. Sua elaboração requer um viés de discurso comprometido com o falar para alguém sempre marcado pela interação no discurso. Para a compreensão desses mecanismos específicos, considera-se o como é feita a marcação do interlocutor no gênero epistolar. Britto (1997) trata sobre a necessidade de, depois de levantada a ausência do interlocutor nas produções textuais escolares, tornar-se viável se pensar sobre as dificuldades dos escritores e de que maneira eles têm realizado essa interlocução em seus textos.

O interlocutor no gênero epistolar é uma importante demarcação do discurso a ser construído. Essa interação, segundo Britto (1997), é pautada na imagem criada pelo locutor “[...] em última análise, o processo de construção de redação vem sendo uma disputa (não uma integração) constante entre a competência linguística do estudante [...] e a imagem de língua escrita criada a partir da imagem do interlocutor e de interlocuções privilegiadas” (BRITTO, 1997, p. 125).

A presença do interlocutor é ambivalente na sua forma de expressividade. Para Franzoi e Menegassi (2011), centrados nos postulados teóricos do círculo de Bakhtin, é essencial ressaltar que os interlocutores podem ser delimitados como outro interno ou externo. Nessa relação, o interlocutor tanto pode assumir um caráter marcadamente notado no texto por meio das referências e estratégias linguísticas empregadas pelo autor, neste caso é um interlocutor real, ou então pode ser externo, à medida que o autor pretende alcançar para cumprir a finalidade do texto, que é reconhecido como um interlocutor virtual, ou, então, ainda uma forma externa de interlocutor, o superior, “a instituição de ensino superior que impõe seus padrões e faz com que o aluno os siga ao escrever seu texto” (MENEGASSI & FUZZA, 2006, p. 2),

que é a ideologia pressuposta no texto e pode assumir uma caracterização institucional e ideológica na composição do discurso.

Estratégias de interlocução no gênero epistolar

Para exemplificar o processo de escrita analisado com ênfase no interlocutor inserido no discurso epistolar, esta seção apresenta três produções de cartas pessoais de autores diferentes produzidas em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no extremo Noroeste do Paraná, em abril de 2015. A turma era composta por 25 alunos com idade média de 9 a 10 anos. A produção dos textos seguiu um comando contido no livro didático de Língua Portuguesa utilizado na sala de aula e, para a ocasião, foram selecionados três textos considerados acima da média para efeitos de exemplificação e tratamento teórico proposto neste trabalho.

A unidade cinco do livro didático de Língua Portuguesa da editora “Ápis”, (BORGATTO, 2011), aborda o gênero discursivo carta pessoal e o seu discurso, focalizando a produção escrita na sala de aula como forma de avaliação. Nesse sentido, os textos foram produzidos a partir do estudo de uma biografia de Maurício de Sousa, autor dos personagens da Turma da Mônica. Após a leitura do texto, os alunos responderam perguntas de leitura em que foi destacada, entre outras coisas, a criação das personagens consagradas na literatura em quadrinhos. O comando de produção de texto envolveu uma delimitação do tema, escolha de uma personagem (interlocutor) e o desenvolvimento do tema, pensando no interlocutor escolhido.

Segue o comando de produção textual do gênero carta da forma como foi aplicado na sala de aula onde foram coletados os exemplos selecionados sem intervenção alguma do aplicador:

“Agora que você conhece um pouco mais sobre Maurício de Sousa e os personagens criados por ele, escolha um deles para escrever uma carta. Lembrem-se:

- (a) Pense bem sobre o assunto a ser tratado na carta.
- (b) Imagine o seu leitor e pense em como dialogar com ele por meio de suas palavras.
- (c) Lembre-se de usar os elementos que aprendemos sobre uma carta.”

Após a explicação do comando de produção, os alunos produziram seus textos individualmente e em sala de aula com a presença do professor orientador. A

proposta de produção textual pede aos alunos que escolham uma personagem a quem vão direcionar uma carta. Neste caso, o locutor do texto precisa acionar duas habilidades necessárias: (i) representar cognitivamente a imagem da personagem selecionada e fazer uma referência (também cognitiva) aos seus trejeitos, comportamentos e formas de representação na literatura que lhes foi apresentada e (ii) encontrar uma forma ideal de representar essa imagem na textualidade por meio de um processamento linguístico que envolve procedimentos complexos de escrita a fim de atender ao comando. “Os parceiros mobilizam diversos sistemas de conhecimentos que têm representados na memória, a par de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual” (KOCH, 2001, p.26).

Seguem os textos coletados e digitados da forma como foram escritos, com ortografia e pontuação preservadas e divulgação autorizada pelos autores e seus responsáveis².

Texto 1 (T1)

Marilena, 16 de junho de 2015.

Magali,

Olá, meu nome é K, tenho 11 anos.

Gosto muito do seu personagem, você é linda, e inteligente, só tem uma coisa que eu não gosto muito é que você come muito isso não vai fazer tão bem para sua saúde.

Se você me permite dar um conselho, sabe, é que tem que mudar um pouco seu estilo, se você quiser conselho de estilo tipo, roqueira, surfista, punk, esquetista e tem vários outros, dá ideia para a sua melhor amiga a Mônica ela também só usa uma cor de vestido que é vermelho e você também só usa essa amarela.

Dá pra você escolher um outro estilo, mas claro, sempre de acordo com sua idade, não iria ficar bom você usar salto ficaria desproporcional para sua idade, se você precisar de conselho de roupas é só falar comigo.

Gostaria que você me respondesse essa carta, obrigada por tudo, de K tchau até a próxima.

Com amor e carinho, K.

Texto 2 (T2)

Marilena, 16 de junho de 2015.

Caro Louco,

² Material produzido por alunos e de utilização didática autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisas, conforme parecer consubstanciado nº 1.835.359.

Oi, eu sou um grande fã seu. Eu sou o G, tenho 10 anos e estudo na escola X em Marilena.

Louco, você só apronta com o Cebolinha. Você faz ele ficar (definitivamente) louco. Olha, quer um conselho, apronta muito mais, você é o personagem mais engraçado da turma e sempre faz muitas loucuras por onde você passa.

Você faz cachorro andar de skate, discos (literalmente) voadores, girafa em corpo de galinha e outras loucuras bizarras.

Você só é meu personagem favorito pois você apronta mais com o Cebolinha e ainda chama ele de “Cenourinha”.

Minha coisa favorita nas suas revistas é ver você aprontar com o Cebolinha e zuar os nomes das coisas.

Se você tiver um emprego eu acho que será o de cientista “louco” pois você já é louco e apronta pra caramba e você pode criar poções muito, mas muito loucas.

Você só faz as coisas piorarem ou ficarem super doidas.

Abraços,

G

Texto 3 (T3)

Marilena, 16 de junho de 2015.

Cascão,

Não dá pra acreditar que um cara tão legal não gosta de tomar banho de vez em quando.

Se você fosse filho da minha mãe você ia ver só! Todos os dias ia ter que tomar banho e o pior é que não dá mais pra enganar, porque ela cheira a nossa cabeça todo dia.

Acho muito legal o monte de planos que vocês inventam para zoar com a dentuça da Mônica, a gente queria fazer igual, mas a professora A deixa a gente sem recreio.

Cara, ouve a gente, toma um banho, você vai crescer e não é legal ficar fedido.

Até a próxima, Cascão, se cuida.

Um abraço,

L.

Os textos selecionados foram considerados acima da média por terem atendido ao comando com criatividade, boa utilização da linguagem para representar as ideias e o emprego de características que evidenciam tanto o locutor quanto o interlocutor, ambos marcados na textualidade a ser tratada na sequência. Para tanto, o Quadro 1 mostra como os elementos básicos da estrutura da carta foram construídos pelos locutores e como o emprego desses elementos contribuiu para a construção do discurso do gênero epistolar, evidenciando que mesmo nos elementos estruturais do gênero carta o locutor seleciona e organiza a textualidade em função do interlocutor.

Quadro 1 – Levantamento das características discursivas do gênero epistolar

| Elementos do discurso epistolar | Textos ocorrentes | Fragmento observado |
|--|-------------------|--|
| Apresentação do locutor | Textos 1 e 2 | T1: “Olá, meu nome é K, tenho 11 anos.” T2: “Oi, eu sou um grande fã seu. Eu sou o G, tenho 10 anos e estudo na escola X” |
| Reafirmação do vocativo | Textos 2 e 3 | T2: “Louco, você só...” T3: “Até a próxima, Cascão, se cuida.” |
| Despedida afetuosa | Texto 1 | T1: “[...] obrigada por tudo, de K tchau até a próxima. Com amor e carinho, K” |
| Despedida formal | Textos 2 e 3 | T2: “Abraços” T3: “Um abraço” |
| Adequação da linguagem ao interlocutor | Textos 2 e 3 | T2: “[...] fiquem super doidas” e “[...] zuar o nome das coisas” T3: “[...] um cara tão legal” e “Cara, ouve a gente [...]” |

Fonte: Os autores.

Quanto à estrutura composicional, o Quadro 1 mostra como os autores evidenciaram uma preocupação em empregar mecanismos de progressão textual capazes de reafirmar seu posicionamento de locutor mediado pelo leitor marcado na composição da carta.

No caso da apresentação do locutor, por exemplo, o T3 não demonstrou preocupação em fazê-lo formalmente no início da carta, conforme os demais fizeram, entretanto, sua apresentação foi feita na forma como se relacionou com o interlocutor à medida que o autor buscou dele se aproximar, como se pode observar em “Se você fosse filho da minha mãe [...]” e “Acho muito legal o monte de planos que vocês inventam [...] a gente queria fazer igual, mas a professora A deixa a gente sem recreio”. A partir desses fragmentos, pode-se perceber o quanto o locutor é mencionado psicologicamente e essa referência é tão valiosa para o texto quanto à apresentação formal do locutor, haja vista a intensidade da apresentação em que marca suas características “travessas” como uma maneira criada pelo locutor de se apresentar.

O T1, embora seja mais formal no desenvolvimento do conteúdo, é o único que apresenta uma despedida mais afetuosa em que o locutor expõe emotividade ao se despedir de Magali e assim acaba marcando maior intimidade do que os demais textos. T2 e T3 apresentaram melhor o interlocutor na forma de vocativo textualmente marcado. Essa estratégia é uma maneira de fazer referência direta ao interlocutor

evocando-o no corpo do texto e tornando-o próximo do locutor e mais próximo ainda de sua opinião em relação às ações dos personagens Louco e Cebolinha, respectivamente.

O quadro 2 visa refletir um pouco mais sobre as marcas discursivas referentes especificamente às características do interlocutor como um processo valorativo.

Quadro 2 – Elementos de interlocução do discurso epistolar

| Categorias de marcas da interlocução | Fragmento de referência |
|---|--|
| (a) Referência valorativa ³ | <p>T1: “gosto muito do seu personagem, você é linda e inteligente [...]”</p> <p>T2: “[...] você é o personagem mais engraçado da turma e sempre faz muitas loucuras por onde você passa [...]” e “Minha coisa favorita nas suas revistas é ver você aprontar com o Cebolinha e zuar os nomes das coisas.”</p> <p>T3: “Acho muito legal o monte de planos que vocês inventam para zoar com a dentuça da Mônica [...]”</p> |
| (b) Proximidade locutor-interlocutor | <p>T1: “[...] se você precisar de um conselho de roupas é só falar comigo.”</p> <p>T2: “Oi, eu sou um grande fã seu.”</p> <p>T3: “[...] um cara tão legal [...]” e “[...] se cuida.”</p> |
| (c) Aconselhamento | <p>T1: “Se você me permite dar um conselho, sabe, é que tem que mudar um pouco seu estilo [...]”</p> <p>T2: “Olha, quer um conselho, apronta muito mais [...]”</p> <p>T3: “Cara, ouve a gente, toma um banho [...]”</p> |
| (d) Reafirmação do conselho | <p>T1: “Dá pra você escolher um outro estilo, mas claro, sempre de acordo com sua idade [...]”</p> <p>T2: “[...] você pode criar poções muito, mas muito loucas.”</p> |

³ A ideia de valoração, partindo de Bakhtin (2011), que estabelece o aspecto valorativo pautado na axiologia que considera a entoação, o julgamento de valor e o contexto extra-verbal como elementos que apontam uma intenção de valoração que é, sobretudo, ideológica. “A noção de valoração é de base ideológica, o que nos leva à necessidade de compreensão do conceito de ideologia e sua relação com a linguagem” (PEREIRA & RODRIGUES, 2014, p.178). Sendo assim, *grosso modo*, o conceito de valoração aqui é entendido como os locutores imprimem nas referências textuais um julgamento valorativo do interlocutor.

| | |
|------------------------------|---|
| | T3: “[...] não é legal ficar fedido.” |
| (e) Preocupação com o futuro | T1: “[...] não iria ficar bom se você usar salto ficaria ‘desproporcional’ para a sua idade [...]” e “[...] é que você come muito, isso não vai fazer bem para sua saúde.” T2: “Se você tiver um emprego eu acho que será o de cientista “louco” pois você já é louco e apronta pra caramba [...]” T3: “[...] você vai crescer [...]” |
| (f) Marca de aspecto social | T1: “[...] se você quiser conselho de estilo tipo, roqueira, surfista, punk, ‘esqueitista’ e tem vários outros [...]” T2: “Se você tiver um emprego [...]” T3: “[...] um cara tão legal não gosta de tomar banho de vez em quando.” |

Fonte: Os autores.

As produções analisadas assinalam uma série de elementos empregados por seus autores com o intuito de se aproximar do interlocutor. No critério (a), os locutores expressam uma valoração sobre os interlocutores. Esse processo se insere na tentativa do locutor de assinalar aspectos em comum entre eles; no caso do T2 e T3, o que prevalece é a ideia de traquinagem expressa pela palavra “zoar” (e sua variação ‘zuar’), já no caso do T1 a ideia que ganha mais significação é o critério da beleza e da inteligência.

Na sequência, o critério (b) evidencia a proximidade por meio da confiança e da admiração. Nos critérios (a) e (b), o interlocutor é evidenciado pelos julgamentos de valor que permitem aos locutores usar adjetivos que expressam sua admiração pelos interlocutores tratados nas cartas. No caso do T1 e de T2, os locutores utilizam uma linguagem impessoal para dirigirem-se aos interlocutores, já no caso de T3 as escolhas “cara” e “se cuida” evidenciam uma pessoalidade e intimidade maiores no âmbito vocabular, o que expressa que o locutor faz um esforço significativo para chegar-se ao interlocutor.

No caso dos critérios (c) e (d), os locutores usam da estratégia do aconselhamento e sua reafirmação. Isso se explica pelo fato de empregar outra valoração que culmina no julgamento negativo que se constrói dos interlocutores. A intenção marcada no contexto é de uma mudança de atitudes por parte do interlocutor,

eis porque os locutores têm a necessidade de aconselhar e reafirmar o conselho logo na sequência.

Ainda dentro desta concepção, o texto é considerado como um conjunto de pistas, representadas por elementos linguísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes, no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção dos sentidos, como a fundear a própria interação como prática sociocultural (KOCH, 2001, p. 26).

Na visão de Koch (2001), os interactantes são acionados pelas referências do texto a que ela chama de pistas que, além do mais, é o que evidencia a característica de interação texto-contexto. Como pode ser observado no Quadro 2, essas relações são marcadas por elementos linguísticos e no caso dos critérios analisados até aqui também fica evidente que a valoração que o locutor faz do seu interlocutor permite até que lhe aconselhe. Esse aconselhamento é visto pelos locutores como uma resposta necessária à visão que constroem do outro acionado na produção das cartas: Cascão é sujo, Magali é comilona e o Louco é bagunceiro, logo, há uma manifestação da valoração ao recuperar as características dos três personagens (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2011).

No critério (e), o locutor exerce uma capacidade cognitiva ligada ao futuro em que expressa a sua preocupação. No caso do T1, a saúde e o estilo são a preocupação do interlocutor; no T2, a preocupação do locutor é com um possível emprego que a personagens tenha e que seja compatível com suas ações; e no T3, a preocupação é marcada pela idade adulta, é o “crescer” que toma a sua preocupação. Neste último critério de nossa análise (f), cabe a observação de Bakhtin ao afirmar que “a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.127). Os locutores retomam sempre uma valoração do interlocutor, como visto no critério (a), ao mesmo tempo em que buscam sempre uma proximidade com seu interlocutor (b) e nessa valoração e proximidade surge a necessidade de um aconselhamento, critérios (c) e (d).

Por fim, a preocupação com o futuro do interlocutor (e) e a marca do aspecto social (f) são capacidades exercidas pelo interlocutor que só são possíveis quando o enunciado se reveste totalmente de um aspecto puramente social e comprometido com os desdobramentos da palavra, isso porque os interlocutores têm a consciência

do poder de sua palavra. Esses movimentos dos locutores – dos quais foi possível criar os seis critérios analisados – são, segundo Koch (2001), sempre inferenciais que permitem a geração de informações semânticas a partir de certo contexto.

Vale destacar que os três argumentos utilizados pelos locutores assinalam essa visão social expressa em (f): estilo, emprego e idade adulta, respectivamente. Na leitura desses aspectos sociais, o estilo é o que se enquadra mais comumente nos interesses da faixa etária dos alunos locutores, já a preocupação com o emprego e idade adulta não figuram, normalmente, no grupo de preocupações dessa idade. Neste caso, a palavra se reveste de uma estrutura significativa e passa a ser, na visão de Bakhtin (2004), o representativo de um corpo social vertido diretamente nas condições de produção das cartas produzidas para esta análise.

Considerações finais

A análise das perspectivas do interlocutor no gênero epistolar mostrou que essa referência pode acontecer no âmbito linguístico e valorativo, sendo que o primeiro é uma decorrência do segundo e, além disso, a marca de interlocutor é uma manifestação do conhecimento da personagem que evidencia a clareza do comando ao estabelecer o conteúdo, a finalidade e uma forma estrutural para a produção da carta. Para Koch (2001), essas estratégias são sempre socioculturalmente determinadas ao passo que a leitura das personagens possibilitou aos interlocutores criar uma imagem que é retomada na escrita e nas referências de sentidos na produção da carta.

Ocorre, portanto, uma interação na escrita da carta, isso porque somente a interação discursiva possibilita uma aproximação entre o locutor e o interlocutor de modo que ambos se reconheçam no texto escrito. Além das referências escritas marcadas pelos recursos linguísticos da repetição, reafirmação, uso de vocativos específicos e aspectos sociais vindos das condições de produção, há uma forte influência das estratégias cognitivas, porque toda escolha, antes de ser textual, é intencional e tem como objetivo produzir determinados sentidos.

[...] as estratégias textuais, por seu turno – que, obviamente não deixam de ser também interacionais e cognitivas em sentido lato – dizem respeito às escolhas textuais que os interlocutores realizam, desempenhando diferentes funções e tendo em vista a produção de determinados sentidos (KOCH, 2001, p. 31).

Os textos dos alunos apresentaram importantes referências aos interlocutores e essa relação ficou marcada por uma listagem de elementos e ideias que passaram a fazer parte de sua escrita e contribuíram para a construção do conteúdo com maior facilidade. Os ganhos significativos dessa atividade são tanto a qualidade do texto escrito como a contribuição significativa para a visão de uma língua interativa que favorece aos sujeitos criar interações no seu próprio discurso e nele fazer referência ao discurso de outro, aprimorando cada vez mais o processo dialógico que direciona a língua.

A partir desse processo pontuado nesta discussão, fica evidente o quanto as propostas devem possibilitar uma intersecção entre locutor e interlocutor como participantes ativos da interação no enunciado. “A sala de aula é delimitada como um lugar de interação verbal, onde os diálogos entre os sujeitos, locutor e interlocutor, que possuem diferentes saberes, são ações constantes numa relação interlocutiva” (FRANZOI & MENEGASSI, 2011).

A interação, por sua vez, acaba sendo uma capacidade eficiente do exercício da enunciação (escrita ou falada) nos mais diferentes contextos de discurso de modo que sua prioridade é, enfaticamente, proporcionar elementos para que haja significado na fala do locutor e que este perceba as manifestações ativas e responsivas de seu sempre social interlocutor.

Referências

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**: a palavra na vida e na poesia introdução ao problema da poética sociológica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BERNINI, E. A. B; MENEGASSI, R. J. Interlocução na produção de cartas pessoais na sala de aula. **Revista SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, PR, n. 16/2, p. 17-38, dez. 2013.

BORGATTO, A. M. T. **Ápis**: Língua Portuguesa/ Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi. São Paulo: Ática, 2011.

BRITTO, L. P. L. Em terra de surdo-mudos – (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997. p. 67-72

FRANZOI, R. C. O interlocutor e suas manifestações nas produções textuais escritas no ensino fundamental. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. **Anais** do 17º COLE, Campinas, SP,; ALB, 2009. Disponível em: <http://www.alb.com.br/portal.html>. Acesso em: 8 dez. 2009. ISSN: 2175-0939.

___; MENEGASSI, R. J. Aspectos da ausência da delimitação de interlocutor em produções textuais escritas no ensino fundamental. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, RJ, v. 01, n. 40, p. 122-141, jul./dez. 2011.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MENEGASSI, R. J. A influência do interlocutor na produção de textos. **Revista UNIMAR**, Marília, SP, v. 19, n.1, p. 111-125, 1997.

___; FUZA, A. F. A finalidade da escrita no livro didático: influências da imagem do interlocutor. **Revista Acta Scientiarum Human and Social Sciences**. Maringá. V.28, n2. p.155-165. 2006.

___. O interlocutor nas propostas de produção textual no livro didático. **Revista Scielo**, Campinas, SP, vol. 50, no.1. p.169-187. Jan./Jun. 2011.

PEREIRA, R. A; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

Recebido em 28 de julho de 2016
Aceito em 10 de outubro de 2016